



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1201

EXPERIENCIA MUSEAL: POR UMA EDUCAÇÃO HISTÓRICA

Larissa S. Chicareli José
(Universidade Estadual de Londrina)

Resumo. Quando pensamos o museu como ferramenta auxiliar e como espaço de suscetíveis problemáticas, este nos ajuda na construção do ensino e do aprendizado de História, deixando de ser um local engessado, passando a ser visto como lugar de conhecimento e reconhecimento. Logo, o presente trabalho busca refletir sobre o museu como ferramenta auxiliar e espaço de suscetíveis problemáticas, visando-o como instrumento educacional, pensando-o como lugar de memória coletiva, na qual a experiência museal tornará a aprendizagem mais enriquecedora e, portanto mais significativa. Propomos pensar o museu como ponte para os alunos empreender investigações e saciar suas inquietações. Não obstante, o aluno passa a ser visto como agente da história, contada ou não ali no museu, e assim, se envolve com a narrativa apresentada e percebe-se como integrante de uma história. Desta forma, tendo como base a reflexão histórica e o modelo desenvolvido por Isabel Barca, de aula oficina, pretende-se, por meio de questionários e rodas de conversas com alguns alunos do ensino básico de educação, tentar construir estratégias para fazer do museu uma ferramenta educacional ativa no processo de ensino-aprendizagem. Contudo, tal pesquisa originou-se de um trabalho anterior, realizado durante o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), na qual nos deparamos com algumas respostas de estudantes do Ensino Médio a respeito de suas visões sobre o museu da cidade de Londrina.

Palavras-chave: Museu; memória; educação histórica; experiência.

INTRODUÇÃO

A partir da experiência do projeto PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), desenvolvido na UEL, durante o ano de 2012/2013, realizamos um trabalho intitulado “*As Mulheres, o Pioneirismo, a História e os Jovens, a partir da análise do questionário de conhecimentos prévios*” presente no livro PESQUISA E ENSINO NA CONSTRUÇÃO DE UMA LITERACIA HISTÓRICA: atividades do PIBID de História da UEL, organizado

pela Professora Doutora Márcia Elisa Teté Ramos, na qual, foram aplicados questionários de conhecimento prévio a alunos de um colégio de Londrina, acerca de suas opiniões sobre o museu, o pioneirismo e as mulheres. Por meio desse artigo aprofundamos tal pesquisa, visando à ideia/opinião sobre o Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiis (MHL), problematizando-o e indagando sobre qual história esse museu apresenta e representa, se conta a história da cidade de Londrina, ou não, entre outros questionamentos versando sobre esse assunto. De acordo com as respostas obtidas e pela análise e leituras de autores que dialogam com tal temática, abordamos o museu como local de conhecimento e reconhecimento, e mais precisamente como espaço de memórias, que produzem saberes. Desta forma, pudemos verificar que os alunos percebiam recortes de temporalidades, ausências e rupturas na exposição do Museu. Diante disso, esse artigo pretende agora não analisar a opinião de alunos sobre o MHL, ou qualquer outro museu, mas sim, pensar em práticas educacionais, refletindo o museu como espaço de produção de conhecimento, na qual a experiência museal tornará a aprendizagem mais enriquecedora e, portanto mais significativa.

Não obstante, pautando-se nas reflexões da Educação Histórica, e no pensamento Freiriano, verificamos a importância de se respeitar e fazer uso dos conhecimentos dos alunos, entendendo esses sujeitos como participantes do processo educacional. Logo, um ensino de História reflexivo passa pelo tangente de escutar e dar vozes aos alunos, entender seus anseios e suas preocupações, bem como transformar o conhecimento escolar em prática de realidade histórica, configurando-se então, investigar e levantar hipóteses sobre o museu como ferramenta educacional, e como espaço de produção de conhecimento, identificando estratégias para um ensino mais dinâmico e significativo. Assim aplicaremos questionários e após essa abordagem pretendemos fazer uma intervenção na qual serão levantadas e aplicadas as hipóteses pensadas, aprofundando tal conhecimento durante as aulas oficinas para obtenção de uma visão mais crítica e significativa sobre o museu, tomando como base as propostas de aula oficina desenvolvida por Isabel Barca, segundo essa autora, aula oficina corresponde a:

um modo de trabalhar que organizei em 1999, resultado das aulas que ministrava na Universidade do Minho. A ideia é que, primeiramente, o professor selecione um conteúdo, pergunte aos alunos o que eles sabem a respeito e, então, selecione as fontes históricas pertinentes para a aula. Em seguida, ele deve orientar os estudantes a analisar os materiais, fazer inferências e comparações. Todos se envolvem no processo e produzem conclusões históricas, que podem ser mais ou menos válidas e mais ou menos próximas às dos historiadores. No entanto, elas devem sempre ser valorizadas, avaliadas e reconceitualizadas com a ajuda do educador. Assim, as crianças tomam consciência do que aprenderam, do que falta saber e do que mais gostariam de conhecer. (BARCA, 2013, p. 1).

Logo, pensar a prática educacional nada mais é que estar perto de quem realmente é a força motora desse processo, ou seja, os alunos. Entender suas opiniões, seus anseios e dúvidas, são urgentes para que ensino de história passe pela experiência efetiva e torne-se significativo.

É preciso ressaltar que esse projeto ainda está em fase de desenvolvimento, constituindo parte de uma monografia para a especialização em História e Patrimônio, oferecido pela Universidade Estadual de Londrina. Contudo, abordaremos aqui, o museu como passagem de espaço de apreciação para um espaço de ações educativas, e museu como espaço de conhecimento e ações educativas.

MUSEU: DA APRECIÇÃO PARA AÇÃO EDUCATIVA.

O espaço do museu já passou por muitas definições e formulações. E principalmente os museus históricos já tiveram conotações muito distintas.

[...] os museus históricos **são** (...) instituições que além de preservação, guarda, estudo e divulgação do acervo, tem como objetivo (...) apresentar ao público a história da nação, **ou história local**. (SANTOS, 2006, p. 20, **grifo meu**).

Desta forma, pensaremos primeiramente os museus históricos em geral, tomando como exemplo o Museu Histórico Nacional, desde o seu período de formação até chegarmos ao Museu pensado como espaço de ações educativas. A partir então, do exemplo do Museu Histórico Nacional,

refletiremos o Museu Histórico de Londrina, e como estão dispostos os objetos, observando então a sua ação educativa, na qual, temos como objeto de maior interesse.

O museu por muito tempo foi visto como um espaço de elite, na qual os objetos expostos apenas representavam ao aludiam a essa classe social, e não era pensado em local de visitação, muito menos de ações educativas, ou melhor, nas palavras de Myriam Selpúlveda dos Santos (2006, p. 13). Em geral, “os museus brasileiros eram vistos como instituições poeirentas, repleta de coisas velhas, e sem muito interesse para a academia”. Logo, esse espaço era apenas de apreciação, não levando a uma reflexão, tanto por parte da academia quanto pelos visitantes.

Corroborando com esse pensamento José Carlos Gonçalves Caetano (2012, p.1) elenca “o museu por muito tempo carregou a ideia de lugar de velharias, esperando por visitantes curiosos de ver ou rever objetos obsoletos e há muito sem utilidade”. Observamos então, que o museu é entendido como um lugar que apenas guarda objetos antigos, que estão nesse espaço por tal motivo, e principalmente por sua raridade, ou pelo seu desuso. Ainda, Myriam Sepúlveda dialoga “o antigo, passa a ter valor por seu aspecto de curiosidade e raridade em relação aos tempos modernos” (2006, p. 18).

E nesse sentido temos o Museu Histórico Nacional, criado “por decreto em 2 de agosto de 1922, (...) resultado de uma convergência de esforços no ano de Centenário do país” (BARATA, 1986, p. 28). “um museu que nasceu preocupado em delimitar o perfil da ‘nação brasileira’, a partir de um forte cunho militarista” com um “sentimento comemorativo pelo passado”, fazendo alusão a esse sentimento, sem procurar demonstrá-lo, muito menos problematiza-lo. (SANTOS, 2006, p. 21).

A história que se contava no MHN, apesar de conhecer uma linha tênue do tempo, era uma história de heróis e bandidos – uma história nacionalista que exaltava fatos e procurava na cumplicidade e na paixão um sentimento patriótico. Aí repousava sua tarefa educativa. (SANTOS, 2006, p. 21).

E será que o museu, nessa forma como está configurada pensa em alguma tarefa educativa? Pois se pensarmos o visitante como “sujeito que aprende, como um sujeito de experiências e representações socioculturais e

ativo no processo de aprendizagem”, não podemos visar esse museu que não leva em conta essas experiências, ou ao menos as problematiza. (SIMAN, 2005, p. 348). Nesse sentido, Myriam Sepúlveda argumenta “a preocupação com uma ordenação temporal e a crítica a acontecimento do passado são inicialmente muito débeis e restrita na historiografia presente no MHN”. (SANTOS, 2006, p.45).

O MHN durante os seus primeiros anos, ou mais especificamente durante a gestão do diretor Gustavo Barroso, tinha como objetivo um culto a saudades. Saudades esta, aos tempos gloriosos do Império, com grandes salas ligadas a nomes importantes desse período, chegando a receber doações extensas para a exposição.

o “culto à saudade” teve como base objetos que remetiam a uma experiência de nação que não mais existia. O museu procurava construir um elo direto com o passado, de modo a reconstruí-lo por meio da autoridade fornecida por objetos e fragmentos colhidos ao redor dos grandes feitos e dos grandes vultos. (OLIVEIRA, 2008, p.171).

Esses objetos ficaram conhecidos por seus valores semióforos, que segundo Regina de Abreu (1996, p. 43) apud Pomian (1983), “são objetos destituídos de valor de uso. Singulares não servem para serem usados, mas para serem expostos ao olhar”. Nesse sentido, temos as grandes galerias, repletas de objetos semióforos, que só teriam sentido no contexto em que se encontravam. Logo, “os objetos que decoravam esses salões eram símbolos – fetiches – da distinção desse grupo social e da vinculação com a nobreza europeia”. (ABREU, 1996, p. 50).

Portanto, o MHN de Gustavo Barroso, era um museu memória. Segundo Myriam Sepúlveda (2006, p. 9) nesse tipo de museu:

[...] a ênfase recai sobre os objetos materiais colecionados e expostos, apresentados mais como ‘amostras’ (ou ‘alusões’) do que ‘exemplos (ou ‘demonstrações’) do passado, sendo este mediado por categorias sensíveis.

Com a morte de Barroso e o advento de vários fatores, entre eles “a criação de Brasília, o esvaziamento político do Rio de Janeiro e poderíamos acrescentar os anos da ditadura”, perde-se um pouco sentido de continuar um

museu com tantos objetos, pois esse era um desejo de seu diretor, e com ele “desapareceu a lógica que ditava a seleção, a conservação, e a exposição dos quase 200 mil objetos coletados durante os 40 anos” de sua gestão. (SANTOS, 2006, p. 55-56).

No Museu Histórico Nacional, a memória, ainda que restrita à lembrança de uma elite sobre o seu passado, estava presente e foi veiculada durante toda a gestão de Gustavo Barroso. No período seguinte, o Museu perde seus alicerces, construídos durante um longo tempo e recebe uma nova direção, para a qual a história passa a ter como objeto o tempo, em detrimento da memória. (SANTOS, 2006, p. 57).

E esse novo formato do Museu, fica caracterizado por essa autora como museu-narrativa, “a ênfase volta-se para os discursos narrativos que impõem uma determinada ordem sobre os objetos materiais”, argumenta ainda, que perdem a sua centralidade, ou seja, já não tem sentido mais os objetos semióforos. Nesse novo espaço “a escrita da história está associada a um tempo linear e progressivo”. (SANTOS, 2006, p. 9-10). E chegamos aqui ao ponto em que se desejava, partindo dessa breve contextualização entenderemos o Museu Histórico de Londrina.

O MHL foi fundado em 1970 no porão do Colégio Hugo Simas, antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Em 1974 se tornou órgão suplementar da UEL e em 1986 foi instalado na Antiga Estação Ferroviária em pleno centro da cidade. Administrado pela Universidade teve a frente professores do curso de História. De acordo com a historiadora e ex-diretora do Museu, Angelita Marques Visalli: “Por suas linhas arquitetônicas bastante características e grandeza de suas proporções, é uma das principais referências da cidade e um de seus mais importantes cartões postais.” (VISALLI, 2010, p.3) Além disso, constitui um dos maiores núcleos de preservação da história local, em vista de seu acervo. (FERNANDES, 2014, p. 13).

Utilizaremos aqui, as reflexões desenvolvidas pela Aryane Fernandes, graduada em História pela Universidade Estadual de Londrina, defendeu como tema em seu trabalho de conclusão de curso, o MHL e ações educativas. O MHL é constituído por dois espaços de exposição: a exposição permanente, compostas de objetos que remetem aos primeiros anos da cidade de Londrina, “encontram-se principalmente objetos que revelam a periodização de 1929 ao

final da década de 1970. O objetivo da exposição consiste na evidência de algumas formas de trabalho desenvolvidas neste espaço e tempo”. (FERNANDES, 2014, p. 15). Há também nesse espaço objetos que aludem a ocupação indígena, anterior a formação da cidade de Londrina. É um espaço para exposições temporárias, permitindo nesse outro espaço, exposições complementares à exposição permanente. Observamos então, que o museu é formado por objetos que remetem aos primeiros anos da formação da cidade de Londrina, fazemos então uma reflexão à exposição saudosista de Gustavo Barroso, frente ao MHN. Temos então um museu-memória, mas se formos além, refletindo as palavras de Aryane, veremos que não só temos um museu memória, mas também que a exposição procura compreender as formas de trabalho desenvolvidas nesse espaço, abrangendo então o museu-narrativa. E a partir desse hibridismo podemos analisar a ruptura de um museu de apreciação para um museu voltado para ação, mais precisamente para a ação educativa, um espaço de produção de conhecimento.

MUSEU: ESPAÇO DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO.

Nesse tópico pretendemos dar luz a discussão de museu como espaço de produção de conhecimento, e mais que isso, discutir esse local como palco de ações educativas. Desta forma, dialogando com Francisco Regis Lopes Ramos, vemos que “um dos grandes desafios que atualmente se colocam para os museus históricos é o modo pelo qual se deve atender a uma demanda que a cada dia, se torna mais volumosa: a visita dos estudantes” e conseqüentemente pensar na promoção de ações educativas. Desta forma, pensar o museu com ações educativas “não significa transformar o museu em apêndice da escola (...) é torná-lo mais didático, mais provocativo e lúdico”. (RAMOS, 2004, 13).

Logo, o Museu Histórico de Londrina, como esta configurado propicia uma produção de conhecimento, e vai além, promove ações educativas e formativas. Desta forma, empreendemos que o museu é um campo de produção de conhecimento. Quando articulamos os saberes oriundos do museu, empregamos e conotamos a esse espaço um local na qual podemos

refletir sobre a seleção de memória, e mais precisamente a qual memória pretende-se abordar. Configura-se então um olhar crítico a esse espaço.

Pensar o museu como espaço de conhecimento, requer analisar e interpretar o jogo político e ideológico que essa exposição apresenta. Como aborda Myriam Sepúlveda dos Santos (2006, p. 19), é “fornecer um novo sentido ao objetivo proposto, cuja validade será fruto do jogo político e ideológico inerente a todo ato de interpretar”. Em função disso, vemos que o espaço quando problematizado, pode oferecer muito mais sentido, não tornando o museu como um local estanque, como verdade pronta e acabada. Mas sim, dialogar com os objetos, entender porque estão dispostos dessa maneira, qual a intenção proposta, promovendo, a problematização.

Quando o museu pensa em fazer ações educativas, promove esse olhar crítico, pois, por meio dessas ações é possível fazer um questionamento maior sobre esses espaços. “A ação educativa em museus visa ampliar as possibilidades de aproveitamento pedagógico dos acervos, para que o visitante acentue seu espírito crítico em relação à sua realidade e daqueles que estão à sua volta”.

O MHL desenvolve atividades em parceria com a ação educativa, na qual se inserem bolsistas estudantes de licenciatura em História da UEL. Há oficinas de fotografia documental, mapas alternativos, entrevistas, contação de histórias, maquete e objetos tridimensionais. Estas propõem às instituições escolares a análise de diferenciados documentos históricos. E os bolsistas vinculados a projetos desenvolvem artigos sobre as oficinas e a experiência no Museu tanto em livros como em eventos acadêmicos. (FERNANDES, 2014, p. 18).

Observamos que MHL emprega como monitores alunos de História da Uel, que desenvolve essas ações durante o período de estágio, e em contrapartida, esses alunos vinculam os saberes apreendidos, e as suas próprias experiências, em trabalhos de exposição no meio acadêmico, ajudando a divulgar esse trabalho de uma forma mais sistematiza. Ou seja, as ações desenvolvidas no espaço do museu, viram reflexões acadêmicas, que geram mais produção de conhecimento. Verificamos ainda, que as oficinas permeiam por diferentes suportes, abrangendo as várias estruturas disponíveis no Museu. “Além disso, a ação educativa é responsável pelas visitas

monitoradas pelo espaço do Museu, incluindo: jardim, exposição permanente e temporária, plataforma, locomotiva, carros de passageiros e também galpão rural”. (FERNANDES, 2014, p.18)

Portanto, essas monitorias possibilitam, como mencionando um questionamento maior sobre a exposição. Pois uma vez que, esses monitores fazem parte do eixo acadêmico, e estão em contato direto com o que é produzido, possibilita indagações, fazendo com que tais visitas e experiências, sejam mais significativas. Logo, “mostrando relações historicamente fundamentadas” e é isso que esses monitores fazem, pois tentam dialogar os objetos, historicizá-los e problematizá-los, assim “o museu ganha substâncias educativas” (RAMOS, 2004, p. 21) Contudo, o museu não pode substituir a sala de aula, mesmo porque, os conhecimentos produzidos nesses dois campos são diferentes, porém o museu entra como processo de construção de conhecimento. Adriana Almeida (1997, p. 50), referenciando Lopes (1992), argumenta que o museu deve colaborar “com o processo de construção do conhecimento em nossa realidade”, proporcionando “um espaço de veiculação, produção e divulgação de convivência com os objetos”. Ressalta ainda, que o museu torna-se mais interessante, pois nas ações educativas, os visitantes, entram em contato direto com o objeto de estudo. “A visita ao museu produz aprendizagem, tanto quanto uma aula do mesmo assunto. A diferença está no ganho afetivo, pois a visita à exposição gerou maior interesse dos alunos em aprender mais e foi considerada mais divertida por eles”. (ALMEIDA, 1997, p. 52).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa problematização, analisamos como Myrian Sepúlveda dos Santos articulou o Museu Histórico Nacional como um museu primeiramente com caráter memorialístico durante a gestão de Gustavo Barroso, e posteriormente com a morte de Barroso, esse museu passa a configurar esse espaço com um novo olhar, empregando a sua exposição uma narrativa, a qual essa autora vai denominar de museu-narrativa.

Abrangemos assim, o Museu Histórico de Londrina e como este articulado, refletimos ainda o seu espaço como palco de ações educativas, promovendo nesse espaço, um papel dinamizador de conhecimento. Vimos por último que tanto o museu, quanto a escola produzem conhecimento, e quando o museu entra como colaborador de conhecimento, as aprendizagens se potencializam.

Como a pesquisa está em fase de construção, pretendemos enriquece-la efetivando uma abordagem mais sistemática tanto dentro do museu quanto com os recursos de aula oficina e entrevistas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. **A fabricação do imortal**. Memória e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco: Lapa, 1996.

ALMEIDA, Adriana Mortara. Desafios da relação museu – escola. **Revista Comunicação e Educação**, Ano III, n.10 set/dez. 1997. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/viewFile/36322/39042>. Acesso em: 13 ago. 2015.]

BARATA, Mario. Origem dos museus Históricos e de Arte no Brasil. **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**, 147(350): 22-30, jan./mar.1986.

BARCA, Isabe. Ensinar História de modo linear faz com que os alunos se lembrem só dos marcos cronológicos. **Revista Nova Escola**, ed. 260. Mar 2013. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-2/isabel-barca-fala-ensino-historia-743165.shtml?page=1>.

CAETANO, José Carlos Gonçalves. O museu histórico como um espaço de ensino e aprendizagem para a história: o museu Ernesto Bertoldi como proposta. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE MUSEOLOGIA, 2., 2012, Maringá. Anais... Maringá, 2012. p. 1-10.

FERNANDES, Aryane Kovacs. **Narrativas de quem ensina: utilização de fotografias da exposição permanente do Museu Histórico de Londrina por monitores e professores (2014)**. 2014. 156fls. Trabalho de conclusão de

curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2014.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A doação do objeto: o museu no ensino de História.** Chapecó, SC: Argos, 2004.

OLIVEIRA, Emerson Dionísio Gomes. Resenha, A escrita do passado em museus históricos de Myrian Sepúlveda dos Santos. **Revista CPC**, São Paulo, n. 6, p. 170-179, maio 2008/out. 2008

SANTOS, Myrian Sepúlveda. **A escrita do passado em museus históricos.** Rio de Janeiro: Gramond, Minc, IPHAN, DEMU, 2006.

SIMAN Lana Maria de Castro. Representações e memórias sociais compartilhadas: desafios para os processos de ensino-aprendizagem histórica. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 348-364, set./dez. 2005.